O Teosofista

Ano XVIII - Número 215 - Edição de Abril de 2025

Publicação Mensal da **Loja Independente de Teosofistas** e seus Websites Associados
Email: indelodge@gmail.com - **Facebook:** SerAtento e FilosofiaEsoterica.com.

0000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000

Direto das Cartas dos Mahatmas:

A Prática Diária Que Permite Obter Sabedoria

Jejum, meditação, castidade em pensamento, palavra e ação; silêncio durante certos períodos de tempo para permitir que a própria natureza fale a quem se aproxime dela em busca de informação; domínio das paixões e impulsos animais; completa ausência de egoísmo nas intenções, e o uso de certo incenso e certas fumigações com objetivos fisiológicos, têm sido apontados como instrumentos desde a época de Platão e Jâmblico, no Ocidente, e desde os tempos ainda mais remotos de nossos *Rishis* hindus. A maneira como tudo isso deve ser posto

em prática de modo que seja adequado para cada temperamento, é, naturalmente, tema de experimentação da própria pessoa e da cuidadosa observação de seu tutor ou guru.

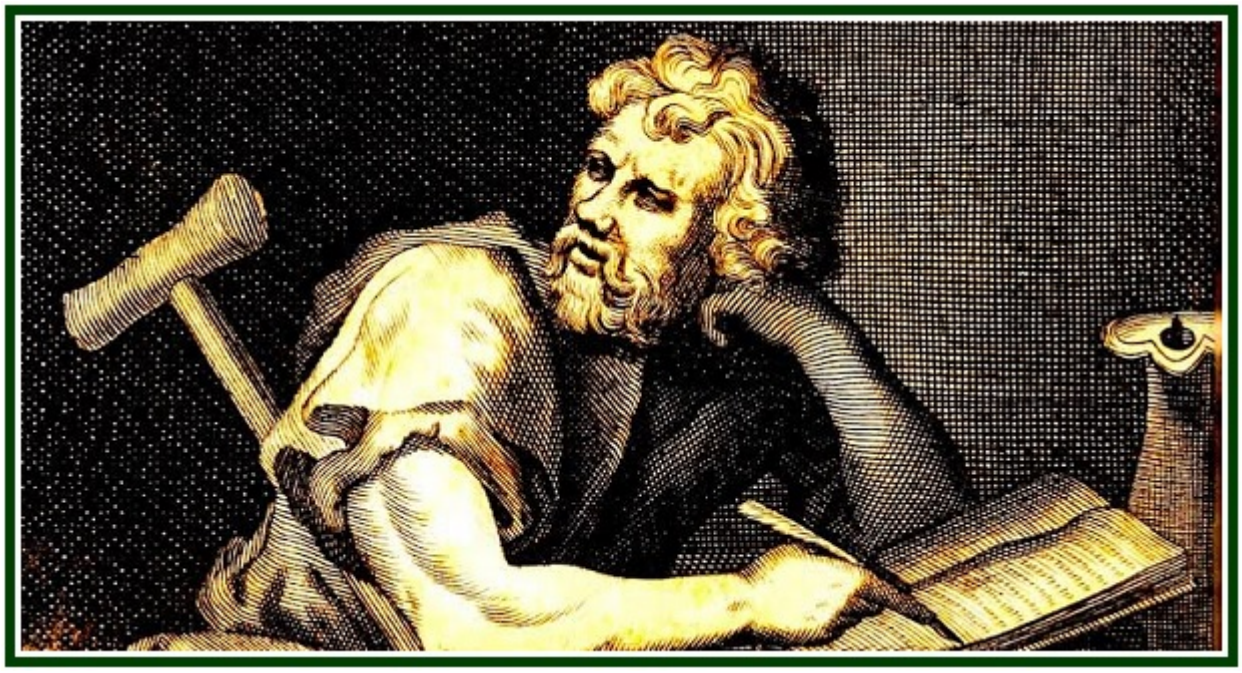
(Um Mestre de Sabedoria)

[De "Cartas dos Mahatmas", Ed. Teosófica, Brasília, Volume I, Carta 20, p. 135.]

000

A Vontade Espiritual Segundo Epicteto

Cinco Trechos Valiosos da Filosofia Estoica



Uma imagem clássica de Epicteto

0000000000000000000000000000000000000000000000000

Reproduzimos a seguir trechos da obra "A Arte de Viver", de Epicteto, em uma nova interpretação de Sharon Lebell, Ed. Sextante, RJ, segunda edição, ano 2000, 159 páginas. Ao final de cada passagem é indicada a página do livro em que ela está.

0000000000000000000000000000000000000000000000000

1) O Autodomínio é a Nossa Verdadeira Meta

O mal não é um elemento natural no mundo, nos acontecimentos ou nas pessoas. O mal é um subproduto da negligência, da preguiça, da distração: surge quando perdemos de vista nossa verdadeira meta na vida.

Quando lembramos que nossa meta é o progresso espiritual, voltamos a nos empenhar por nosso aprimoramento pessoal e mantemos o mal à distância. E é assim que se conquista a felicidade. (p. 63)

2. Preze a Sua Mente, Cuide Bem da Sua Razão, Aferre-se ao Seu Propósito

Não renuncie à integridade da sua mente. Se alguém desse o seu corpo para um passante qualquer, você naturalmente ficaria furioso.

Por que, então, você não sente nenhuma vergonha em entregar sua preciosa mente a qualquer pessoa que queira influenciá-lo? Pense duas vezes antes de abrir mão da integridade de sua mente para alguém que talvez mais tarde venha a ofendê-lo, deixando-o confuso e perturbado. (p. 64)

3. Evite as Diversões Mais Populares

A maior parte do que se considera diversão legítima é inferior ou tola e apenas explora ou serve de instrumento às fraquezas das pessoas. Evite fazer parte da multidão que se entrega a tais passatempos. Sua vida é muito curta e você tem coisas mais importantes a fazer. Seja exigente quanto às imagens e ideias que você admite estarem presentes em sua mente. Se você mesmo não é capaz de escolher a que pensamentos e imagens se expõe, alguém o fará, e os motivos dos outros podem não ser dos mais elevados. Descair imperceptivelmente para a vulgaridade é a coisa mais fácil do mundo. Mas isso não precisa acontecer se você estiver determinado a não desperdiçar seu tempo e atenção com idiotices. (p. 85)

4. O Começo é Difícil

Os primeiros passos no caminho da sabedoria são os mais estafantes, porque nossas almas fracas e teimosas detestam o esforço (sem garantia completa de recompensa) e o desconhecido. À medida que você progride, sua decisão se fortalece e o aprimoramento pessoal torna-se progressivamente mais fácil. Aos poucos, na realidade, passa a ser até difícil deixar de fazer o que é melhor para você.

O compromisso firme e, ao mesmo tempo, paciente de remover as crenças nocivas de nossas almas confere-nos pouco a pouco a habilidade de ver com mais clareza através de nossos frágeis temores, de nossa desorientação nas questões amorosas e de nossa falta de autocontrole. Paramos de nos esforçar para impressionar os outros. Um belo dia percebemos com satisfação que não estamos mais representando para platéia alguma. (p. 128)

5. O Bem é Sempre o Bem

O bem existe independentemente de nossa concepção a seu respeito. O bem está e esteve sempre presente muito antes do início de nossa existência. (p. 129)

000

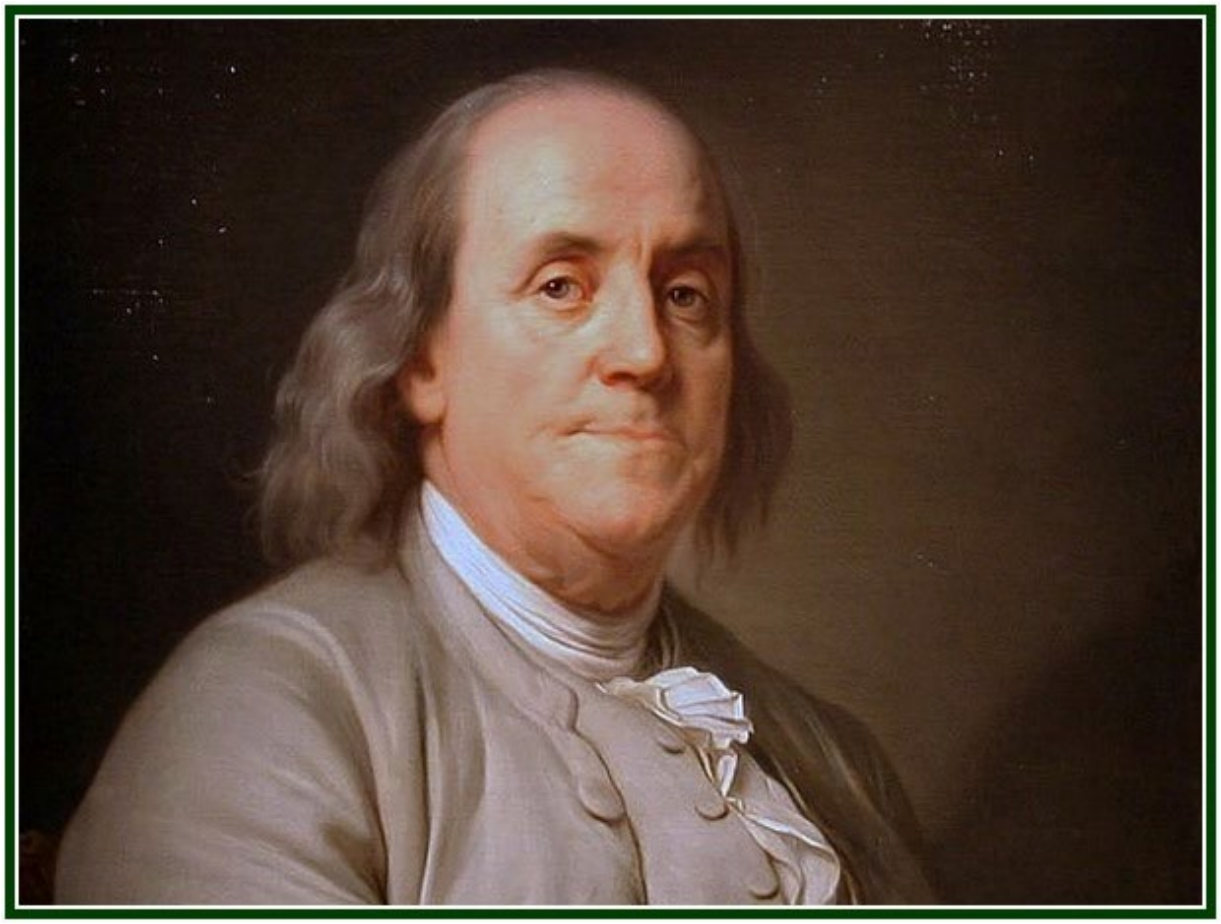
A Teosofia Direta no WhatsApp

Veja um dos grupos da **Loja Independente de Teosofistas, LIT**, no **WhatsApp**: **https://chat.whatsapp.com/6MB7dWbqNmx68hEzVshbHk**

000

A Disciplina de Benjamin Franklin

O Pensador do Século 18 Descreve a Sua Experiência em Autodisciplina Espiritual



Visão parcial de um retrato de B. Franklin (1706-1790)

0000000000000000000000000000000000000000000000000000

O texto a seguir é reproduzido da obra "Autobiografia de Benjamin Franklin", Companhia Editora Nacional, SP, 1953, 248 páginas, ver pp. 120- 134. A ortografia foi atualizada.

Após narrar a decepção que teve com um sacerdote cristão cujos sermões costumava assistir, Benjamin Franklin conta que decidiu optar por decisões próprias e pela ação independente e autorresponsável em sua busca pela sabedoria.

0000000000000000000000000000000000000000000000000000000000

… Eu compusera, alguns anos antes, uma pequena Liturgia, ou forma de prece, para meu uso privado (isto é, em 1728), intitulada "Artigos de Fé e Atos de Religião". Voltei, pois, a usá-la e não compareci mais a assembleias públicas. Minha conduta pode ser censurável, mas

eu deixo aqui de lado o assunto, sem procurar justificá-la, pois o meu propósito, no momento, é relatar fatos, e não desculpar-me de coisa alguma.

Foi mais ou menos nessa época que concebi o ousado e árduo projeto de chegar à perfeição moral. Desejava viver sem cometer, em ocasião alguma, a menor falta; eu dominaria tudo o que a inclinação natural, o costume ou as companhias pudessem despertar-me o desejo de fazer. Como eu sabia, ou julgava saber, o que era certo e o que era errado, não via razão por que não pudesse sempre fazer o que era certo e evitar o que era errado. Mas logo descobri que empreendera uma tarefa muito mais difícil do que eu havia imaginado. Enquanto punha todo o meu empenho em guardar-me de uma falta, era com frequência surpreendido por outra; o hábito aproveitava-se da distração; a inclinação era, às vezes, demasiado forte para ser dominada pela razão. Concluí, afinal, que a simples convicção especulativa de que era de nosso interesse ser virtuoso não era o bastante para impedir os nossos deslizes; e que os hábitos contrários devem ser interrompidos e outros hábitos, bons, adquiridos e estabelecidos, antes que possamos confiar numa firme e uniforme retidão de conduta. Inventei para esse fim, portanto, o método abaixo.

Nas várias enumerações das virtudes morais com que havia deparado em minhas leituras, verifiquei que a catalogação das mesmas era mais ou menos numerosa, pois que escritores diferentes incluíam uns, mais, outros, menos ideias sob o mesmo nome. Alguns limitavam a Temperança, por exemplo, ao comer e beber, enquanto, para outros, o seu sentido era mais amplo, significando moderação com respeito a todos os outros prazeres, apetites, inclinações ou paixão, física ou mental, mesmo as que se referiam à nossa avareza ou ambição. Propus-me, pois, em benefício da clareza, antes usar mais nomes, com menos ideias anexadas a eles, do que uns poucos nomes com mais ideias; e, assim, inclui, sob treze nomes de virtudes, tudo o que no momento me ocorreu como necessário ou desejável, juntando a cada um deles uma espécie de preceito, o qual exprimia amplamente a extensão que eu dava ao seu significado.

Esses nomes de virtudes, com os seus preceitos, eram:

1. *Temperança*. - Não comas até à saciedade; não bebas até à exaltação.

2. *Silêncio*. - Não fales senão o que possa beneficiar os outros ou a ti próprio; evita as conversações ociosas.

3. *Ordem*. - Faze com que todas as tuas coisas tenham o seu lugar, e cada parte de teus negócios o seu devido tempo.

4. *Resolução*. - Resolve realizar o que deves; realiza sem falta o que resolveres.

5. *Frugalidade*. - Não faças gasto algum senão para fazer bem aos outros ou a ti; isto é, não desperdices nada.

6. *Diligência*. - Não percas tempo; ocupa-te sempre de alguma coisa útil; corta todas as ações desnecessárias.

7. *Sinceridade*. - Não empregues estratagemas prejudiciais; pensa de maneira reta e imparcial e, se falares, fala de acordo com o teu pensamento.

8. *Justiça*. - Não faças mal aos outros por meio de injúrias, ou omitindo os benefícios que seja teu dever revelar.

9. *Moderação*. - Evita os extremos; procura não ressentir-te das injúrias, por mais que julgues que elas o mereçam.

10. *Limpeza*. - Não toleres falta de limpeza no corpo, nas roupas ou na habitação.

11. *Tranquilidade*. - Não te perturbes com ninharias, ou com acidentes comuns e inevitáveis.

12. *Castidade*. - Só uses raramente da parte sexual, em benefício da saúde ou da descendência; nunca até ao entorpecimento, à fraqueza ou em prejuízo da tua paz ou reputação, ou da paz ou reputação de outrem.

13. *Humildade*. - Imita Jesus e Sócrates.

TEMPERANÇA

Não comas até à saciedade; não bebas até à exaltação

	Dom.	S	T	Q	Q	S	S
Tem.							
Sil.	•	•		•		•	
Ord.	•	•			•	•	•
Res.		•				•	
Frug.		•				•	
Dil.			•				
Sinc.							
Just.							
Mod.							
Limp.							
Tranq.							
Cast.							
Humil.							

A tabela de virtudes a desenvolver

Sendo minha intenção adquirir o *hábito* de todas essas virtudes, julguei que seria bom não distrair minha atenção tentando-as todas ao mesmo tempo, mas sim fixar-me em uma de cada vez. Quando fosse senhor dela, então passaria para outra, e assim por diante, até chegar à décima terceira; e como a aquisição anterior de algumas poderia facilitar a aquisição de algumas outras, arranjei-as todas, na ordem acima, tendo isso em vista. Temperança em primeiro lugar, pois que tende a proporcionar aquela clareza e frieza de raciocínio tão necessárias quando se tem de manter vigilância constante, ficando-se em guarda contra a atração incansável de antigos hábitos e a força perpétua das tentações. Esta sendo adquirida e estabelecida, o Silêncio seria mais fácil; e como era meu desejo adquirir conhecimento e, ao mesmo tempo, aperfeiçoar-me na virtude - e considerando que, na conversação, esta era obtida mais pelo uso dos ouvidos do que da língua, e desejando eu, assim, deixar de lado o hábito, que estava adquirindo, de tagarelar, gracejar e fazer piadas, o que só me tornava aceitável entre pessoas frívolas - coloquei o Silêncio em segundo lugar.

Este e, esperava eu, a *Ordem*, me dariam mais tempo para dedicar-me ao meu plano e aos meus estudos. A *Resolução*, uma vez que se tornasse habitual, manter-me-ia firme em meus esforços para conseguir todas as virtudes subsequentes; a *Frugalidade* e a *Diligência*, libertando-me das dívidas que me restavam, e produzindo ganhos e independência, tornariam mais fácil a prática da *Sinceridade* e da *Justiça*, etc., etc. Imaginando, então, que, de conformidade com o conselho de Pitágoras em seus Versos de Ouro, um exame diário seria necessário, inventei o seguinte método para proceder a esse exame.

Fiz um pequeno livro, no qual destinei uma página para cada uma das virtudes. Risquei cada página com tinta vermelha, de modo a ter sete colunas, uma para cada dia da semana, marcando cada coluna com uma letra correspondente ao dia. Tracei sobre essas colunas treze linhas vermelhas, marcando o começo de cada linha com a primeira letra de uma das virtudes, linha sobre a qual eu poderia marcar em sua própria coluna, com um pequeno sinal preto, cada falta que eu, após o exame, verificasse haver cometido, aquele dia, com respeito àquela virtude.

Eu estava resolvido a dar uma semana de estrita atenção a cada uma das virtudes, sucessivamente. Assim, na primeira semana, minha grande preocupação foi evitar cometer a menor ofensa contra a Temperança, deixando as demais virtudes à sua sorte comum; só que assinalava, à noite, as faltas do dia. Desse modo, consegui, na primeira semana, manter a minha primeira linha, marcada com um T, livre de manchas. Supus que o hábito daquela virtude se achasse, em mim, bastante fortalecido e que eu poderia aventurar-me a estender a minha atenção de maneira a incluir a próxima. Na semana seguinte, com efeito, ambas as linhas se conservaram limpas de sinais. Prosseguindo, assim, até à última virtude, eu poderia fazer um curso completo em treze semanas, perfazendo quatro cursos por ano. E como aquele que, tendo um jardim para semear, não procura, antes, arrancar todas as ervas daninhas ao mesmo tempo, o que estaria além do seu alcance e das suas forças, mas trabalha num canteiro de cada vez, somente passando para o segundo após terminar o primeiro, assim também eu teria, julgava eu, o encorajador prazer de ver em minhas páginas os progressos por mim feitos em cada uma das virtudes, limpando sucessivamente as minhas linhas de seus sinais, até que, no fim, mediante numerosos cursos, me seria dada a felicidade de ver um livro limpo, após treze semanas de exame diário.

Esse meu pequeno livro tinha como mote estes versos do *Catão*, de Addison:

"*Here will I hold. If there's a power above us (And that there is, all nature cries aloud Thro' all her works), He must delight in virtue, And that which he delights in must be happy*."

"Nisso vou perseverar. Se há um poder acima de nós (e a natureza inteira, através das suas obras todas, clama que há), Ele deve se deleitar na virtude, e aquilo em que Ele se deleita deve ser feliz."

Outra citação, de Cícero:

"Oh, líder da filosofia da vida! Oh, pesquisador das virtudes e eliminador dos vícios! Um dia vivido corretamente de acordo com os preceitos é melhor que uma imortalidade no pecado."

E ainda outra, tirada dos Provérbios de Salomão, falando da sabedoria e da virtude:

"À sua direita está a extensão dos dias; e as riquezas, e a glória à sua esquerda. Os seus caminhos são caminhos formosos, e há paz em todas as suas veredas." III, 16, 17.

E concebendo Deus como a fonte da sabedoria, achei que era justo e necessário solicitar a sua assistência, se quisesse obtê-la. Para isso, formei a pequena prece seguinte, que foi prefixada em meus quadros de exame, para uso diário:

"*Oh, poderosa Bondade! Generoso Pai! Piedoso Guia! Aumenta em mim aquela sabedoria que me revelará os meus verdadeiros interesses. Fortalece minha resolução, a fim de que realize o que essa sabedoria ditar. Aceita os meus bons ofícios para com os teus outros filhos como a única retribuição que me é possível aos favores contínuos que me concedes*."

Usava também, às vezes, uma pequena prece tirada dos Poemas de Thomson:

"*Father of light and life, thou Good Supreme!*
O teach me what is good; teach me Thyself!
Save me from folly, vanity, and vice,
From every low pursuit; and fill my soul
With knowledge, conscious peace, and virtue pure;
Sacred, substantial, never-fading bliss!"

"Pai de luz e de vida, ó Tu, Deus Supremo!
Ensina-me o que é bom; ensina-me Tu Mesmo!
Livra-me da insensatez, da vaidade e do vício,
De todos os propósitos vis; e enche a minha alma
De sabedoria, paz consciente e pura virtude;
E de uma sagrada bem-aventurança que é substancial e eterna!"

Quanto ao preceito de *Ordem*, exigindo que *cada parte de meus negócios tivesse o seu devido tempo*, uma página de meu pequeno livro continha o seguinte esquema de emprego de meu tempo nas vinte e quatro horas de um dia comum:

Pela Manhã, Perguntar:
Que farei hoje de bom?

De 5 a 8 horas,

Levantar, lavar-me e dizer *Powerful Goodness*! *Poderosa Bondade*! Elaborar os negócios, e tomar as resoluções do dia; prosseguir o estudo atual e tomar o café da manhã.

De oito a 12 da manhã,
Trabalho.

De meio-dia a duas da tarde,
Ler, examinar minhas contas e almoçar.

De duas às seis da tarde,
Trabalho.

De seis da tarde a dez da noite,
Colocar as coisas em seus lugares. Jantar. Música, distração ou conversação. Exame do dia.

De dez da noite a cinco da manhã,
Sono.

Entrei, pois, na execução desse plano de autoexame, continuando-o, com algumas interrupções ocasionais, durante certo tempo. Fiquei surpreso de ver que eu era muito mais cheio de defeitos do que eu imaginava. Tive, porém, a satisfação de os ver diminuir. A fim de evitar o incômodo de renovar, de vez em quando, o meu livro, eu apagava as marcas das antigas faltas para dar lugar às novas, o que fez com que o mesmo ficasse cheio de buracos, obrigando-me a transferir os meus quadros e preceitos para as folhas de marfim vegetal de um livro de memorando, no qual as linhas foram traçadas à tinta vermelha, o que tornava os traços duráveis, ao passo que as linhas em que assinalava as minhas faltas eram traçadas a lápis preto, marcas estas que podiam ser facilmente apagadas com uma esponja humedecida. Após algum tempo, fazia apenas um curso por ano e, mais tarde, somente um em vários anos, até que afinal acabei por deixar isso de lado inteiramente, absorvido por viagens e negócios no estrangeiro, bem como por muitos outros assuntos. Mas sempre carreguei o meu pequeno livro comigo.

Meu plano de *Ordem* foi o que me apresentou mais dificuldades. Descobri que, conquanto isso pudesse ser praticável quando os nossos afazeres eram tais que nos permitiam tempo para o fazer, como os de um auxiliar de tipografia, por exemplo, não podia ser exatamente observado por um mestre-impressor, que precisa misturar-se com o mundo exterior e frequentemente receber gente em suas horas de trabalho. Verifiquei, ainda, que a *Ordem*, quanto ao que diz respeito ao lugar para se colocar as coisas, papéis, etc., era sumamente difícil de se adquirir. Eu não fora acostumado a ela desde cedo e, dotado de memória excepcionalmente boa, não notava as inconveniências acarretadas pela falta de tal método. Este ponto, todavia, me exigia tão penosa atenção, minhas faltas me vexavam tanto e fiz tão poucos progressos no sentido de emendar-me, cometendo tantas reincidências, que estive quase a ponto de renunciar à tentativa, contentando-me com um caráter falho a esse respeito, como o homem que, ao comprar um machado do ferreiro, meu vizinho, queria que toda a sua superfície fosse tão brilhante quanto a lâmina. O ferreiro assentiu em fazer com que todo o machado ficasse brilhante como a lâmina, contanto que o homem virasse o esmeril. Este se pôs a virar, enquanto o ferreiro comprimia com força a ampla face do machado contra a pedra, o que tornava muito fatigante fazer girar o esmeril. O homem de vez em quando deixava o esmeril para ver como é que o trabalho ia indo, acabando por querer levar o machado como estava, sem mais polimento. “Não”, respondeu o ferreiro, “continue a virar,

continue a virar. Nós, aos poucos, faremos com que ele fique brilhante. Por enquanto, está apenas mosqueado." "Sim, *mas acho que eu gosto mais de um machado mosqueado*", respondeu o homem. Creio que isto pode ter acontecido com muitas pessoas que, tendo verificado por falta de certos meios como os que empreguei, como é difícil à gente vencer os maus hábitos em outros pontos referentes ao vício e à virtude, tenham renunciado à luta, concluindo que "*era melhor um machado mosqueado*". Quanto a mim, algo que parecia ser a minha razão me sugeria, de vez em quando, que um esmero tão extremado, como o que exigia de mim mesmo, poderia ser uma espécie de afetação moral que, se fosse descoberta, me poria em ridículo; que um caráter perfeito poderia acarretar a inconveniência de ser invejado e odiado; e que um homem benevolente deveria permitir a si mesmo umas poucas faltas, para não desagradar os amigos.

Na verdade mostrei-me incorrigível com respeito à Ordem, e agora que sou velho, e que tenho má memória, sinto bastante a sua falta. Mas, de um modo geral, embora jamais haja alcançado a perfeição a que eu tinha tanto desejo de chegar, tendo ficado, mesmo, muito distante dela, fui, não obstante, pelo meu esforço em tal sentido, um homem melhor e mais feliz do que eu teria sido se não o houvesse tentado - como aqueles que, desejando ter uma caligrafia perfeita, imitam as letras gravadas e que, conquanto jamais atinjam a perfeição dessas letras, conseguem, mediante tal empenho, corrigir a própria caligrafia, que se torna tolerável enquanto se mantém clara e legível.

Talvez seja bom que os meus pósteros fiquem informados de que a esse pequeno artifício, com a bênção de Deus, o seu ancestral ficou devendo a constante felicidade de sua vida, até a idade de 79 anos, em que estas linhas são escritas. Quanto aos revezes que os anos restantes talvez lhe possam reservar, é coisa que está nas mãos da Providência; mas, se chegarem, a lembrança da passada felicidade de que gozou deverá ajudá-lo a suportá-los com maior resignação. À Temperança, atribui ele a sua longa e contínua saúde e o que ainda lhe resta de uma boa constituição física; à Diligência e Frugalidade, a fácil situação econômica de que gozou desde cedo, bem como a aquisição da sua fortuna, com todos os conhecimentos que lhe permitiram ser um cidadão útil e obter certo grau de reputação entre os eruditos; à Sinceridade e Justiça, a confiança do seu país e as honrosas atribuições que este lhe conferiu; e à influência conjunta de toda a massa de virtudes, mesmo da maneira imperfeita que ele conseguiu adquiri-las, toda a uniformidade de temperamento e toda a jovialidade na conversação, o que faz com que a sua companhia ainda seja desejada, e agradável mesmo aos seus conhecidos mais jovens. Espero, pois, que algum de meus descendentes possa seguir o exemplo e colher os frutos disso decorrentes.

Notarão que, embora o meu plano não fosse inteiramente destituído de religião, não há nele sinal algum dos princípios que distinguem determinadas seitas. Eu os evitei propositadamente, pois, plenamente persuadido da utilidade e da excelência de meu método, e de que ele poderia ser útil a pessoas de todas as religiões - e, ainda, como pretendia, mais cedo ou mais tarde, publicá-lo - não permiti que ele contivesse coisa alguma que pudesse levar qualquer uma delas, ou qualquer seita, a colocar-se contra ele. Era meu propósito escrever um pequeno comentário sobre cada virtude, no qual eu mostrasse as vantagens de possuí-la e os prejuízos decorrentes do vício oposto. Teria intitulado o meu livro "*A Arte da Virtude*" **[1]**, pois ele iria mostrar os meios e as maneiras de se obter a virtude, o que o distinguiria da mera exortação para que sejamos bons, sem instruir ou indicar os meios para tal, tal como o homem verbalmente caridoso a que se refere o apóstolo, o qual, sem mostrar aos que estavam nus e famintos onde e como poderiam conseguir roupas e víveres, os exortava a que se vestissem e alimentassem. - Tiago II, 15, 16.

Aconteceu, porém, que a minha intenção de escrever e publicar tal comentário jamais se realizou. De quando em quando, com efeito, eu anotava sugestões de ideias, raciocínios, etc., para usá-los em tal trabalho, tendo ainda comigo algumas dessas anotações; mas a necessária e meticulosa atenção que me vi obrigado a dar, no começo de minha vida, aos meus negócios privados e, desde então, aos negócios públicos, me forçaram a adiá-lo; e como isso estava ligado, em meu espírito, a *um grande e extenso projeto*, o qual exigiria, para a sua execução, toda a minha atenção, coisa que uma sucessão imprevista de encargos me impediu de fazer, tal trabalho permaneceu até agora inacabado.

Nessa obra era minha intenção expor e ressaltar a doutrina de que as más ações não são maléficas por serem proibidas, mas são proibidas porque são maléficas, considerando-se apenas a natureza do homem; que ser virtuoso era, portanto, do interesse de todos aqueles que desejavam ser felizes, mesmo neste mundo; e, com isso (já que existe sempre no mundo um grande número de negociantes ricos nobres, estadistas e príncipes que têm necessidade de meios honestos para a direção de seus negócios, e como tais meios são tão raros) procuraria convencer os jovens de que nenhuma outra qualidade tinha tanta probabilidade de fazer a fortuna de um homem como a probidade e a integridade.

Minha lista de virtudes continha, a princípio, apenas doze itens. Todavia, tendo um meu amigo quaker gentilmente me informado de que me achavam, em geral, orgulhoso - e que o meu orgulho se revelava, com frequência, na conversação, pois que eu não me contentava em estar com a razão, quando discutia qualquer assunto, mas era, ainda, não só imperioso como um tanto insolente, do que ele me convenceu, apresentando-me alguns exemplos resolvi procurar curar-me, se pudesse, de tal vício ou insensatez, acrescentando à minha lista a *Humildade* e dando à palavra um sentido bastante extenso.

Não posso vangloriar-me de ter tido muito êxito na aquisição dessa virtude, mas consegui muito quanto à sua *aparência*. Adotei a norma de evitar todas as contradições diretas aos sentimentos alheios, bem como qualquer asserção positiva dos meus próprios. Cheguei mesmo a proibir-me o uso, de acordo com as velhas normas do nosso *Junto*, de qualquer palavra ou expressão que importasse numa opinião fixa, tais como *certamente*, *indubitavelmente*, etc., adotando, em seu lugar, *Julgo que*, *Penso que*, *Creio que* tal coisa é assim ou assim; ou, então, *Parece-me, no momento, que* ... Quando alguém afirmava algo que eu julgava errado, eu me negava o prazer de contradizer abruptamente, ou de mostrar-lhe, de imediato, quão absurdas eram as suas asserções. Começava, ao responder, por observar que, em certos casos ou circunstâncias, a sua opinião estaria correta, mas que, no caso em apreço, *me parecia* haver, ou *julgava eu* haver certa diferença, etc. Verifiquei logo as vantagens dessa mudança em minha maneira de ser; as conversações de que eu participava decorriam de forma mais agradável. A maneira modesta pela qual eu apresentava as minhas opiniões fazia com que estas fossem aceitas mais prontamente e encontrassem menos contradição; sentia-me menos humilhado quando via que estava errado, conseguindo mais facilmente fazer com que os outros renunciassem aos seus erros e concordassem comigo, quando me acontecia estar com a razão.

E este modo, que eu a princípio adotava violentando de certa maneira a minha inclinação natural, se tornou, por fim, tão fácil e tão habitual, que, nestes últimos cinquenta anos, talvez ninguém haja ouvido sair de minha boca qualquer expressão dogmática. E penso dever principalmente a este hábito (depois de minha integridade de caráter) o fato de ter a minha opinião tanto peso, desde cedo, entre os meus concidadãos, quando eu propunha a criação de

novas instituições, ou modificações nas antigas, e tanta influência nos conselhos públicos de que fui membro, pois não era senão um mau orador, jamais eloquente, sujeito a muita hesitação na escolha de palavras, frequentemente incorreto na linguagem e, não obstante, conseguia, em geral, levar avante os meus pontos de vista.

Na realidade, não há, talvez, entre as nossas paixões naturais, outra mais difícil de se subjugar do que o *orgulho*. Por mais que o disfarcemos, que o ponhamos por terra, que o sufoquemos, que o dominemos à vontade, permanece ainda vivo e, de vez em quando, põe a cabeça para fora e surge a nossos olhos. Tu o verás, talvez, com frequência, no decorrer desta história, pois, mesmo que eu pudesse conceber a ideia de tê-lo dominado completamente, sentir-me-ia, com toda probabilidade, orgulhoso da minha humildade.

NOTA:

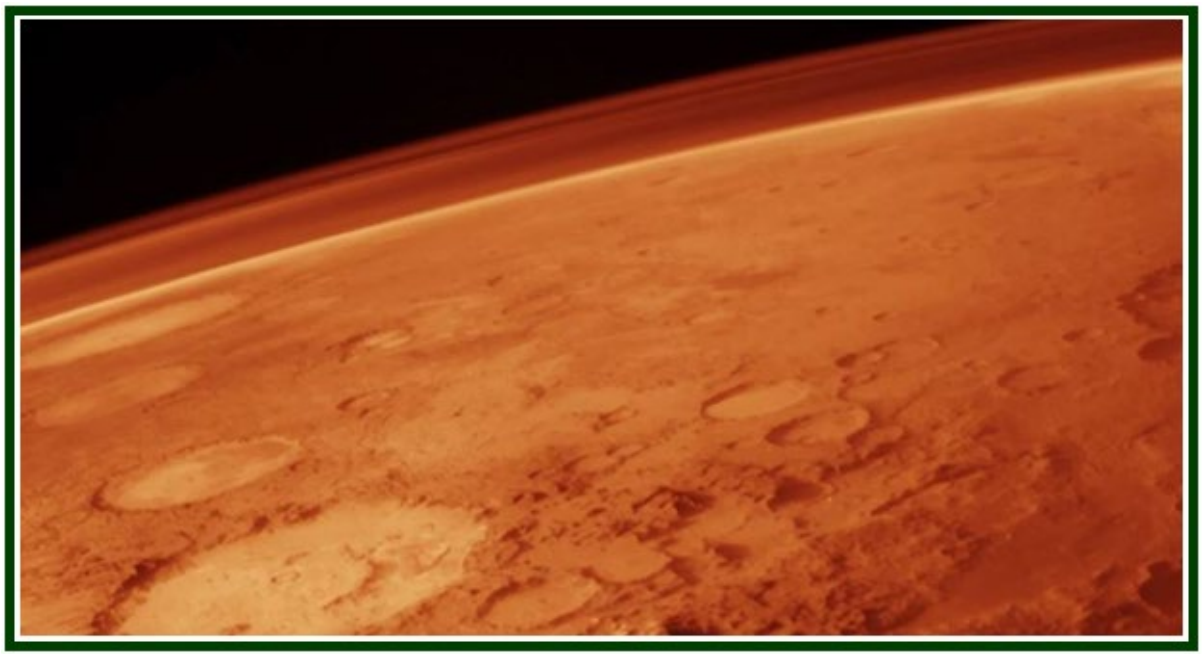
[1] "Nada é tão capaz de fazer a fortuna de um homem como a virtude". (Nota de Benjamin Franklin)

000

Clique para Reler:

Bispo Católico Visita Plantações em Marte

Viagens Espaciais de um Sacerdote Desorientado



Conheça as viagens espaciais do 'clarividente' que fabricou a volta de Jesus Cristo na pessoa de J. Krishnamurti

000

História da Literatura:
Munchhausen e a Teosofia do Século 20

Uma das aventuras de Munchhausen (à esq.) e um busto em homenagem a ele.

A biblioteca da Loja Independente de Teosofistas reforçou a documentação que possui sobre a vida e a obra do Barão de Munchhausen, como parte de um projeto de estudo comparado das narrativas do Barão com as obras dos autores esotéricos Charles Leadbeater e Annie Besant.

Há mais de uma década, os métodos literários, as descobertas astronômicas e outros aspectos do trabalho dos três autores vêm sendo examinados à luz da afinidade que há entre eles. No entanto, o projeto avança lentamente, e nele só se trabalha de vez em quando, devido ao tempo que a LIT gasta com outras tarefas mais desafiantes. No projeto da pesquisa, Annie Besant figura modestamente como coautora de Leadbeater e como fiadora da autenticidade dos seus escritos.

Tanto o barão de Munchhausen como o bispo Leadbeater escreveram sobre a Lua.

Foram também pioneiros - cada um à sua maneira - da interação direta com civilizações extraterrestres existentes, segundo eles, no plano físico. Munchhausen visitou a Lua em duas oportunidades. A sua interação pessoal com o Rei da Lua foi no mínimo desafiante.

Charles Leadbeater, por sua vez, teve conversas pessoais com o Rei do Mundo, aqui mesmo no planeta Terra.

Bispo da Igreja Católica Liberal, da qual ele próprio é o mais famoso dos clarividentes, Leadbeater escreveu sobre a Lua em termos que, se os seus escritos a respeito fossem reeditados no século 21, poderiam surpreender mais de um pesquisador das modernas agências espaciais. Porém, há diferenças entre os dois autores. Leadbeater faz descrições detalhadas das suas visitas a civilizações materiais que ele '*enxergou*' pessoalmente em Marte e Mercúrio, enquanto Munchhausen parece não ter visitado nenhum destes planetas - talvez devido a um excesso de modéstia -, contentando-se com a viagem ao mundo da Lua.

A credibilidade dos escritos dos três autores é questionada em meios esotéricos. Alguns estudantes levantam a possibilidade de que o estilo de Besant e Leadbeater tenha sido influenciado, em maior ou menor grau, pelas vívidas narrativas do barão.

A tradição literária em torno de Munchhausen começou entre 1781 e 1783, quando dezessete contos inacreditáveis, atribuídos a ele, apareceram em alemão no "Vademecum fur lustige Leute".

Assim como Leadbeater, ele afirma que tudo o que escreveu é verdade.

Uma versão em língua inglesa dos contos, feita por Rudolf Erich Raspe, foi publicada em Londres em 1785, sob o título de "Narrativa do Barão de Munchhausen sobre as suas Viagens e Campanhas Maravilhosas na Rússia". A obra é também intitulada "As Surpreendentes Aventuras do Barão de Munchhausen". Em 1786, G. A. Burger traduziu as histórias de volta do inglês para o idioma alemão. Por sua vez, Charles Leadbeater e Annie Besant, os igualmente famosos clarividentes de Adyar, escreveram todas as suas obras em língua inglesa.

(CCA)

000

O texto acima é uma tradução e uma atualização do artigo "Munchhausen and 20th Century Theosophy", publicado nas páginas 18-19 da edição de agosto de 2012 de "**The Aquarian Theosophist**".

000

Krishnamurti e as Ilusões Besantianas

O "Avatar" Nem Sempre Mostrava Em Público Os Seus Reais Pensamentos

Aspectos Pouco Conhecidos da Farsa da Volta de Cristo

Clique para ler o texto:

https://www.filosofiaesoterica.com/krishnamurti-as-ilusoes-besantianas/

000

Ideias ao Longo do Caminho

Para Que a Sabedoria Possa Renascer: Os Deveres de um Templário no Século 21

* A tradição que existe hoje em torno dos templários tem uma forte dimensão lendária. E as lendas, como se sabe, são verdadeiras num sentido mais profundo que o seu significado meramente literal.

* À direita, na ilustração, vemos um voto ou compromisso solene que circula popularmente no século 21 como se fosse um compromisso templário, mas sem fontes bibliográficas. É uma lenda moderna. Uma boa lenda, porque tem ideias fundamentais em comum com a tradição mística cristã. Merece ser examinada - e contemplada - desde um ponto de vista teosófico clássico. O juramento reúne quatro compromissos, que veremos a seguir.

* **1) <u>SEM MEDO</u>. Não sinta medo diante dos seus inimigos.**

** A teosofia clássica esclarece: os seus inimigos são sobretudo internos e sutis. O seu dever é derrotar os diferentes aspectos da sua própria ignorância.*

*** 2) CORAGEM. Tenha coragem e permaneça erguido, de modo que o Senhor sinta amor por você.**

** O Senhor é a sua própria alma imortal. É o princípio crístico em seu interior, que fala através da voz da sua consciência. Comporte-se de maneira que a sua alma tenha orgulho de suas ações.*

*** 3) VERACIDADE. Fale a verdade sempre, mesmo que isso signifique a sua morte.**

** Tudo na vida depende de antahkarana, a ligação entre o eu inferior e aquele espírito interno que não morre, a Mônada, o eu superior. E antahkarana vive na razão direta da honestidade. O bem mais precioso do ser humano é a sinceridade consigo mesmo, e ela é inseparável da sinceridade com os outros. Em teosofia, não há religião mais elevada que a verdade.*

*** 4) PROTEGER. Proteja os que estão indefesos, e não faça ações erradas.**

** Lute a serviço do princípio da justiça. Derrote a ignorância em si mesmo, e apoie outros peregrinos cuja meta é a mesma. Atue conforme a lei do equilíbrio e do aprendizado ético constante. Trabalhe para estimular o crescimento das almas em sabedoria.*

O Evangelho Segundo Blavatsky

* A respeito do evangelho cristão, Helena Blavatsky escreveu:

* "Cada ato do Jesus do Novo Testamento, cada palavra atribuída a ele, cada acontecimento relatado sobre ele durante os três anos da missão que - segundo se afirma - ele cumpriu, tem como base o programa do Ciclo de Iniciações, um ciclo estabelecido a partir da Precessão dos Equinócios e dos Signos do Zodíaco." **[1]**

Theodoro D'Almeida e a Amizade Entre as Nações

* Quando influentes fábricas de armas corrompem os meios de comunicação social para que incitem o público dos países ocidentais à guerra contra a Rússia, é sensato escutar o que dizem os sábios de séculos passados. E o grande pensador português Theodoro D'Almeida (1722-1804) escreveu:

* "Nada, Senhor, convém tanto aos Príncipes e Soberanos como conservar entre si a amizade mútua, que faz a base da felicidade dos seus povos, principalmente [*se são*] vizinhos". **[2]**

Uma Estrutura Própria:
O Caráter Como Fortaleza Espiritual

* A edição de junho de 1895 do periódico teosófico norte-americano "The Path" conclui a sua última página com o seguinte pensamento:

* "Através da paciência e da virtude, aumente a cada hora e a cada dia a força do seu próprio caráter, pois esta é a única coisa que você levará para a sua próxima vida. Do 'Farewell Book' (Livro do Adeus)". **[3]**

* O ponto de vista adotado por "The Path" está correto e é clássico.

* O bom caráter equivale a uma estrutura de proteção e de expressão das energias do eu superior. Ele constitui um veículo prático da alma espiritual. É a força e a base da Mônada no mundo, e deve ser constantemente aprimorado à medida que se ganha experiência.

(CCA)

NOTAS:

[1] Traduzido dos "Collected Writings" de H. P. Blavatsky, TPH, EUA, Volume IX, p. 225, nota de rodapé.

[2] Da obra "O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna", romance épico e filosófico do pensador Theodoro D'Almeida. A obra foi publicada em três volumes pela Regia Officina Typografica em Lisboa, em 1786. Ver volume III, p. 103.

[3] "Path" magazine, Junho 1895, p. 104. A revista era editada por William Q. Judge.

000

Leia mais:

* **Jesus Cristo, o Guerreiro da Verdade.**
* **O Mistério dos Templários** (de Helena Blavatsky).
* **A Teosofia e a Metáfora da Guerra**.
* **As Quatro Proteções do Guerreiro**.
* **Notas Para um Dicionário Teosófico da Mística Cristã**.

000

A Deusa Kwan Yin ou as Armadilhas da Personalização

A busca da verdade é um processo ativo e probatório no qual velhas concepções ingênuas podem ser identificadas a qualquer momento, o que dá lugar a uma pesquisa, uma confirmação, e a um processo de superar a visão que não resiste à dinâmica do aprendizado contínuo.

Assim, de tempos em tempos retiramos dos websites da Loja Independente de Teosofistas itens que a pesquisa e a reflexão revelam como desatualizados, errados, ou não-necessários. Em 2023, apagamos quatro artigos - dois em português, dois em inglês - sobre o chamado *Compromisso de Kwan Yin*. Consideramos os textos "não-necessários". **[1]**

O tema de Kwan-Shi-Yin e Kwan Yin é amplamente abordado em "**A Doutrina Secreta**" (parte I e parte II do volume I). Veja por exemplo o que escreve Blavatsky numa nota de rodapé à página 305 da parte I do volume I:

"Os filósofos Herméticos chamavam *Theoi*, deuses, gênios e daimones (nos textos originais), as entidades que nós chamamos de *Devas* (deuses), Dhyan Chohans, *Chitkala* (os budistas as chamam de Kwan-Yin), e por outros nomes."

Portanto, Kwan Yin é um Dhyan Chohan, um espírito planetário. É um espírito que zela pela humanidade e a protege. Nada nos autoriza a pensar que esse espírito quase cósmico tome decisões pessoais, *porque tal consciência divina não é uma pessoa*.

Não podem ser prioridade para o estudo teosófico textos que atribuem uma personalidade humana a Kwan Yin e apresentam um suposto "compromisso" desta divindade, como se fosse uma cidadã concreta ou uma senhora que viveu em algum momento determinado que nós conhecemos.

Eis o chamado *Compromisso de Kwan Yin*:

"Nunca irei buscar nem aceitarei uma salvação particular ou individual; jamais entrarei isoladamente na paz da libertação final, mas sempre e em todo lugar viverei e me esforçarei pela libertação de todos os seres no mundo inteiro."

A frase expressa a promessa de um longo e persistente esforço pessoal.

A ideia poderia parecer correta para um indivíduo comum; mas, mesmo neste caso, o compromisso *deve ser mais espontâneo do que formalmente declarado em palavras*. Surge naturalmente da expansão da consciência do eu superior, na pessoa de boa vontade.

Só o eu inferior é que precisa "fazer um esforço".

É sempre uma ilusão atribuir palavras específicas a uma instância de consciência divina absolutamente impessoal, como Kwan Yin - um símbolo do sexto princípio (*Buddhi*) em escala planetária. A compaixão pelo conjunto do mundo manifestado, e a compaixão pela humanidade como um todo, não resultam de alguma promessa individual. São simplesmente a Lei do cosmos e da evolução. São *a substância das consciências divinas*.

É também demasiado irreverente imaginar que uma consciência planetária, um Dhyan Chohan, opera no plano verbal.

Assim como o bom senso, o sentimento de respeito por parte do estudante implica saber que as consciências divinas estão *acima* do mundo das palavras. Este ponto diferencia a filosofia esotérica das crenças populares, sempre habituadas a personalizar toda e qualquer divindade.

Embora adotado por teosofistas importantes como Robert Crosbie e John Garrigues, o juramento de Kwan Yin é uma lenda popular, e não um ensinamento da filosofia de Helena Blavatsky e dos Mestres.

(CCA)

NOTA:

[1] O presente artigo expande as considerações a respeito feitas naquele ano. Elas fazem parte do relatório sobre Novos Itens em nossos websites, na edição de fevereiro de 2023 de "O Teosofista", pp. 18- 19.

000

Novos Itens em Nossos Websites

Este é o informe mensal da Loja Independente de Teosofistas. **[1]**

Dia 18 de abril havia 3504 itens em nosso **acervo**, dos quais 50 estavam em **francês**, 1545 em **português**, 1509 em **inglês** e 373 em **espanhol**. Havia 27 em **russo**.

Os seguintes itens foram publicados entre 21 de março e 18 de abril de 2025:

(Títulos mais recentes acima)

1. Santo Antônio Explica a Teosofia - Carlos Cardoso Aveline
2. As Doze Ilusões - Um Monge Anônimo
3. Manuel Bernardes e o Mahatma - Carlos Cardoso Aveline
4. The Aquarian Theosophist, April 2025
5. Our Oneness With Infinite Life - O. S. Marden
6. Thoughts Along the Road - 83 - Carlos Cardoso Aveline
7. O Brilho da Luz Teosófica ao Longo da Tradição Cristã - Carlos Cardoso Aveline
8. El Teósofo Acuariano 041, Abril de 2025
9. The Mahatmas and Christianity - Carlos Cardoso Aveline
10. Os Mahatmas e a Cristandade - Carlos Cardoso Aveline
11. O TEOSOFISTA, Março de 2025

NOTA:

[1] Entre os websites associados estão **www.FilosofiaEsoterica.com**, **www.CarlosCardosoAveline.com**, **www.HelenaBlavatsky.net**, **www.TheosophyOnline.com**, **www.HelenaBlavatsky.org**, **www.TheAquarianTheosophist.com** e **www.RussianTheosophist.com**.

000

Clique e Leia o artigo

As Doze Ilusões

Trecho de uma Obra Mística do Final do Século 14 e Começo do Século 15

000

O Conselho de Donald J. Trump:
Jogue as Suas Dúvidas no Lixo

Quem pensa grande supera as suas dúvidas. A dúvida leva diretamente ao fracasso. Se você não sabe o que vai acontecer, você não está sozinho. Nenhum de nós sabe realmente. Você poderia ser atropelado por um ônibus ao atravessar a rua. Ninguém sabe. Quando estiver na dúvida, acredite em si mesmo e parta do ponto de vista de que terá sucesso. Ninguém poderá fazer isso por você. Quando estiver se sentindo inadequado, não busque a garantia de outra pessoa.

Desenvolva a sua crença em si mesmo.

Muitas vezes você vê alguém que provavelmente não teria sucesso, mas que se torna bem-sucedido apenas porque tem a capacidade de pensar grande.

(Donald J. Trump)

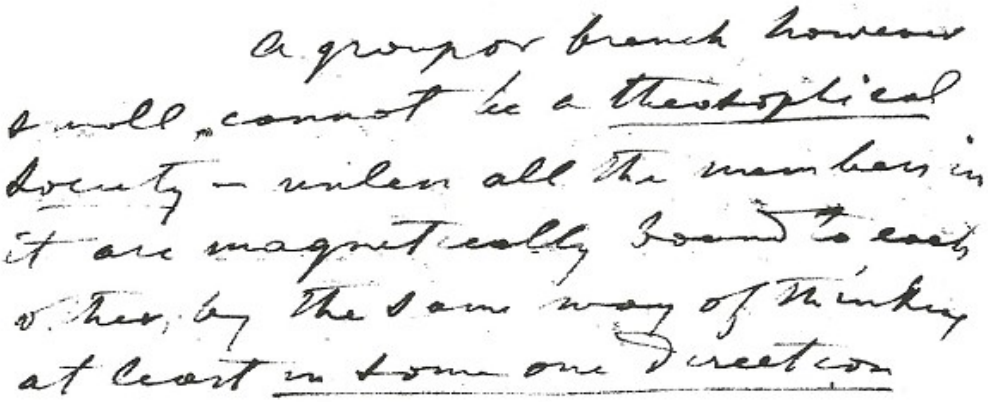
[Traduzido por CCA do livro "Think Big", de Donald J. Trump e Bill Zanker, Harper Collins Publishers, Nova York, N.Y., EUA, copyright 2007, 367 páginas, veja a página 276.]

000

Loja Independente de Teosofistas

"Um grupo ou loja, ainda que pequeno, não pode ser uma Sociedade teosófica --- a menos que todos os seus membros estejam magneticamente ligados uns aos outros pela mesma maneira de pensar pelo menos em uma direção ...".

Imagem reproduzida do original manuscrito da Carta C (100) in "**Letters of H. P. Blavatsky to A. P. Sinnett**", T. U. P., Pasadena, California, USA, p. 222:



(Uma cópia completa do original da Carta foi obtida da British Library pelos fundadores da LIT)

000

Transcrição em inglês do fragmento acima:

"A group or branch, however small, cannot be a theosophical Society - unless all the members in it are magnetically bound to each other, by the same way of thinking at least in some one direction... ".

000

Evite Intermediários Construa o seu próprio acesso direto à sabedoria eterna. Ingresse no grupo **SerAtento**, em Google Groups, e expanda o seu horizonte a cada dia: **https://groups.google.com/g/seratento** .

000

Clique Para Celebrar:

A Páscoa Como Renascimento Interior

Um Processo Circular de Renovação da Vida

A ressurreição que a Páscoa cristã comemora
anualmente está ao alcance de cada ser humano o tempo todo.

000

0000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000

O Teosofista

Ano XVIII, Número 215, Abril de 2025. O Teosofista é uma publicação mensal eletrônica da Loja Independente de Teosofistas e seus Websites Associados, entre os quais estão www.FilosofiaEsoterica.com, www.HelenaBlavatsky.net, www.CarlosCardosoAveline.com e www.TheosophyOnline.com. Editor geral: Carlos Cardoso Aveline. Editora assistente: Joana Maria Ferreira de Pinho. Administração: Arnalene Passos do Carmo. Contato: indelodge@gmail.com. Facebook: SerAtento, FilosofiaEsoterica.com, e Brasil Atento, entre outras páginas e grupos. "O Teosofista" está registrado no INPI brasileiro desde 5 de julho de 2013 sob o número 906469538.

0000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000